

**“Já tentei usar o pronome masculino, mas não sinto que sou eu”  
– um olhar para ideologias de sujeitos falantes não-binários<sup>1</sup>**

***“I’ve tried to use the masculine pronoun, but I don’t feel that is me speaking”  
– a view to genderqueer speakers subjects’ ideologies***

Héilton Diego LAU<sup>2</sup>  
Caroline Vieira RODRIGUES<sup>3</sup>

## **Resumo**

Este trabalho tece reflexões acerca de ideologias que regem usos linguísticos que fogem à marca de gênero da norma culta da língua portuguesa. Tais usos são pensados a partir de autopercepções de sujeitos falantes não-binários que não se sentem representados pela heteronormatividade da língua que marca nas palavras a opção do gênero binário feminino ou masculino. Ao refletir sobre essa linguagem não binária (LAU, 2018) na redação do texto e pela fala dos sujeitos a partir de um grupo focal, trazemos luz ao fato de que usos linguísticos regidos por ideologias dos sujeitos falantes estão em constante negociação com ideologias linguísticas e sociais dos espaços pelos quais transitam e de seus interlocutores – movimentos nem sempre harmoniosos.

**Palavras-chave:** Heteronormatividade. Ideologias Linguísticas. Linguagem não-binária.

## **Abstract**

This paper discusses reflections about ideologies that precede linguistic uses which are contrary to the gender mark of the Portuguese language norm. Such uses are thought from the self-perceptions of genderqueer speakers who do not feel represented by the heteronormativity of the language that marks in the words the binary gender feminine or masculine option. By reflecting on this genderqueer language (LAU, 2018) during the text and the subjects’ speeches from a focus group, we bring focus to the fact that linguistic uses determined by speaker’s ideologies are in constant negotiation with language ideologies and social practices of the spaces by which speakers and their interlocutors interact – actions that are not always harmonious.

**Keywords:** Heteronormativity. Language Ideologies; Genderqueer Language.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

<sup>2</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: heliton.diego@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: vrodrigues.ca@gmail.com

## Introdução

Partindo da perspectiva de Hall (2006), de que mudanças nas estruturas sociais da atualidade alteram paisagens culturais dos indivíduos causando reconfigurações em suas identidades, este trabalho propõe refletir acerca da necessidade de considerar crenças que compõem as identidades humanas por uma perspectiva holística a fim de observar como fatores que configuram ideologias de língua estão atados a outras ideologias sócio-historicamente construídas pelos sujeitos.

Com esse intuito, iniciaremos com uma análise de estudos acerca de Ideologias Linguísticas para observar como atos de fala são regidos pelas crenças dos sujeitos falantes, as quais se ressignificam a partir das representações sócio-históricas e culturais e negociações nas quais se engajam os sujeitos. Na segunda seção, problematizaremos a heteronormatividade da língua portuguesa para melhor compreender a busca pelo desenvolvimento de marcas linguísticas que estejam na contramão da binaridade masculino x feminino; assim traremos reflexões sobre ideologias de língua que regem o uso da linguagem não binária (LNB) (LAU, 2018) – que propõe não marcar um gênero específico em palavras da língua portuguesa - segundo os usos linguísticos de sujeitos que não se identificam socialmente com o gênero feminino ou masculino.

A partir da fala dos participantes desta pesquisa, exploraremos como formas linguísticas são constantemente redefinidas pelas crenças destes falantes, bem como por ideologias dos sujeitos interlocutores e espaços pelos quais transitam. Analisaremos as falas dos participantes à luz dos cinco níveis de organização das ideologias proposto por Kroskrity (2004), pois compreendemos que Ideologias Linguísticas, como identidades, não são fixas e imutáveis, e podem ser vistas por diferentes perspectivas.

Diante da intenção de refletir sobre Ideologias Linguísticas e apresentar uma determinada forma de linguagem, este trabalho está escrito integralmente em LNB por conta das concepções de língua que regeram sua redação.

## Usos linguísticos e ideologias

A perspectiva epistemológica pós-estruturalista nos últimos 30 anos traz uma nova ótica sobre como se constituem as identidades dos indivíduos e seus usos linguísticos (BLOCK, 2007). Essa nova maneira de construção de sentido, que leva em conta o social dos sujeitos, vem na contramão da ideologia essencialista que por muito tempo sustentou uma figura humana de trajetória fixa, de uma essência que não poderia ser alterada. Por esse viés, considera-se que a identidade se reconfigura constantemente a partir das relações sociais que o sujeito mantém nos contextos nos quais está inserido (BLOCK, 2007; HALL, 2006).

De acordo com Hall (2006), essa nova concepção sobre identidades é promovida por mudanças na estrutura das sociedades modernas, que ocorrem desde o final do século XX, e que estão alterando paisagens culturais dos indivíduos, como noções de gênero, classe, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade e língua. Por conta de constantes movimentos geográficos e culturais que levam o indivíduo a manter os variados vínculos sociais, tais noções, antes dadas como sólidas, deixam de ser fixas e são atravessadas por outros pontos de referência com os quais o sujeito se depara.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada qual poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Diante dessa realidade, o constante trânsito social dos indivíduos redefine suas percepções também como falantes, haja vista que usos linguísticos são a própria expressão de suas identidades, como nos sugere Rajagopalan (2003), que estão continuamente se resignificando. Sendo assim, pensar em língua por um viés social implica refletir sobre os usos linguísticos dos sujeitos, o que nos leva a ponderar sobre quais e como ideologias norteiam tais usos, seus valores e crenças.

Se, como nos afirma Bakhtin (2011, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, nota-se que dar luz às reflexões

sobre língua e seus usos é, sobretudo, trazer à tona crenças que regem ações dos sujeitos, de grupos sociais - como a intenção posicionar-se e posicionar o Outro sujeito durante a fala. Somos levados a olhar para fatores históricos e culturais que regem os usos de língua, considerando que esses estão sempre atados a outras ideologias que compõem o sujeito como ser histórico e culturalmente constituído.

Dado que indivíduos constantemente transitam por diferentes grupos que estão envolvidos nas reconfigurações de suas identidades, as práticas linguísticas dos falantes também estão em movimento. O trânsito entre práticas linguísticas se fundamenta na concepção de Bakhtin (1988), que acredita que a língua está sempre a serviço do sujeito locutor, não é uma ferramenta e nem é exterior ao indivíduo, mas a enunciação ocorre de acordo com a situação social estabelecida. Isso posto, é pensado que a reconfiguração das crenças sobre língua dos falantes se ressignificam de acordo com as comunidades nas quais se engaja.

Entendemos essas crenças sobre língua como Ideologias Linguísticas. Segundo Woolard (1998), são o link mediador entre as formas sociais e formas de fala. Da mesma maneira, Spolsky (2004) afirma que são valores atribuídos aos usos linguísticos, partilhados pelos membros das comunidades de fala, que derivam e simultaneamente influenciam as formas linguísticas dos sujeitos.

Kroskrity (2004) descreve Ideologias Linguísticas como crenças e sentimentos sobre línguas empregados no mundo social, porém afirma que não há uma única definição para a concepção já que esse é um conceito plural. Dessa forma, propõe 5 dimensões para considerá-las tanto como crença sobre língua quanto conceito para auxiliar os estudos de crenças.

Como a variação social e linguística fornece algumas das forças dinâmicas que influenciam a mudança, é mais útil ter um dispositivo analítico que capte a diversidade em vez de enfatizar uma cultura estática e uniformemente compartilhada. Usadas em oposição à cultura, as ideologias linguísticas fornecem uma alternativa para explorar a variação de ideias e práticas comunicativas (KROSKRITY, 2004, p. 496).

A primeira das 5 dimensões, *Interesses individuais*, diz respeito à noção do sujeito, membro de uma comunidade de fala, do que é certo e legítimo na língua. A segunda, *Multiplicidade de ideologias*, ressalta a pluralidade de Ideologias Linguísticas

que compõem os repertórios dos falantes de acordo com os grupos sociais nos quais se engaja. Já a terceira, *Consciência dos falantes*, se refere ao grau de consciência do poder entre ideologias e usos linguísticos envolvidos em práticas sociais. A quarta dimensão, *Mediação entre estruturas sociais e formas de fala*, relaciona as experiências sociais e ideologias culturais do sujeito à construção de seus usos linguísticos e discursivos. A última das dimensões citadas pelo autor, *O papel de Ideologias Linguísticas na construção identitária*, diz respeito à forma como Ideologias Linguísticas são usadas na criação e representação de grupos sociais e identidades culturais, até mesmo essencializando sujeitos a partir desse agrupamento.

Olhar para indivíduos que estão em constante trânsito por diferentes grupos sociais a partir das 5 dimensões propostas por Kroskrity (2004) nos leva a perceber Ideologias Linguísticas como múltiplas e entrelaçadas, da mesma forma que são numerosas e interconectadas as comunidades de fala das quais participam os sujeitos.

Na maioria dos estados, existem muitas ideologias, assim como há várias comunidades de fala ou étnicas; uma é comumente dominante. Simplificando, a ideologia linguística é política linguística com o gerente deixado de fora, é o que as pessoas pensam que deve ser feito. As práticas linguísticas, por outro lado, são as que as pessoas realmente fazem (SPOLSKY, 2004, p. 14).

Dessa forma, podemos acreditar que Ideologias Linguísticas são flexíveis como são os sujeitos, adaptáveis ao meio, com a intenção de posicionar o falante e seus interlocutores de acordo com os mais diversos contextos linguísticos pelos quais transitam. Entretanto, a negociação através de língua não é necessariamente harmoniosa, pois a flexibilidade de uso baseia-se em Ideologias Linguísticas e as relações de poder entre os falantes existentes nos mais diversos contextos sociais.

Sendo assim, entendemos que usos linguísticos são de fato motivados por ideologias e, de certa forma, transformados pelas mesmas. Isso nos mostra que compreender usos de língua vai além de olhar para o sistema, mas um modo de ler os falantes diante das interações e jogos de poder que orientam seus usos de língua e relações sociais, pois, como nos revelam Irvine e Gal (2000, p. 36), “ao explorar ideologias linguísticas de diferenciação linguística, estamos preocupados não apenas com a estrutura das ideologias, mas também, e especialmente com suas consequências”.

## **Desconstruindo a heteronormatividade da língua a partir da linguagem não-binária**

Em sua discussão sobre o que é considerado válido na língua, McKinney (2016) desenvolve a noção de anglonormatividade para destacar como ideologias e políticas linguísticas na África do Sul privilegiam uma determinada variedade de língua inglesa no âmbito escolar, reproduzindo assim concepções de usos linguísticos indexados a raças.

Anglonormatividade, refere-se à expectativa de que as pessoas serão e devem ser proficientes em inglês e são deficientes, mesmo desviantes, se não forem [...]. A anglonormatividade está amarrado com a normatividade ou dominância de branca nesses espaços escolares de elite. Nas escolas onde les estudantes negres substituíram o corpo de estudantes previamente brancos, argumento que é através da língua(gem) e dos usos particulares do inglês que as normas de branca continuam a ser construídas e reforçadas. Em escolas suburbanas desagregadas, as ideologias linguísticas são um local poderoso para a projeção de práticas inglesas monolíngues específicas como senso comum e universal (MCKINNEY, 2016, p. 80-81).

De acordo com a autora, Ideologias Linguísticas que privilegiam uma forma da língua não limitam os usos linguísticos em si, mas a atuação de sujeitos nos espaços onde essas formas são valorizadas. Dito isso, somos levados a refletir sobre o que é privilegiado e considerado válido em língua portuguesa, o que cabe dentro da heteronormatividade da língua.

Semelhante a McKinney (2016), ao problematizar ideologias de acordo com o legitimado na língua inglesa, Butler (2013) traz a noção de heteronormatividade, que diz respeito a tudo que está dentro da norma em questão de sexo e gênero definidos pelos Aparelhos Ideológicos de Estado – a binaridade feminino x masculino.

Assim sendo, entendemos a heteronormatividade da língua portuguesa expressa nas classes gramaticais na norma culta padrão como uma ideologia que “visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade” (PETRY; MEYER, 2010, p. 195). Entretanto, como as ideologias de língua estão atadas a outras ideologias sociais, percebe-se a heteronormatividade da língua em outras instâncias da sociedade.

O discurso torna-se opressivo quando exige que, para falar, o sujeito falante participe dos próprios termos dessa opressão - isto é, aceite sem questionar a impossibilidade ou ininteligibilidade do sujeito falante. Essa heterossexualidade presumida [...] age no interior do discurso para transmitir uma ameaça: “você-será-*hetero*-ou-não-será-nada” (BUTLER, 2013, p. 168, ênfase da autora).

A partir de seus escritos sobre questões queer, Butler (2013) nos apresenta o conceito de performatividade. Segundo a autora:

Nesse sentido, o *gênero* não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados (BUTLER, 2013, p. 48, ênfase da autora).

Porém, quando o sujeito que se identifica como homem sente atração sexual por outro homem e veste roupas consideradas femininas, “fura” essa performance fazendo com que as demais pessoas tentem encaixá-lo no feminino para definir essa fuga. A grande preocupação da autora é tentar pensar o modo como a palavra “gênero” vai sendo usada por várias autorias da filosofia, da psicanálise, e o modo como isso tende a reorganizar a maneira como as pessoas pensam o *sexo* e *sexualidade*, associando o primeiro a uma questão biológica, e o outro como uma questão social culturalmente construída.

Para explorar essa questão, Butler (2013) ressignifica o conceito de performatividade a partir de Austin (1962), assumindo que identidade de gênero é aprendida, repetida no cotidiano à medida que as pessoas aprendem no contato social. Nessa questão, podemos considerar que “sexo” é algo atribuído à natureza, controlado, regulado e normatizado pelo corpo, por um *cistema*<sup>4</sup> de normas sobre esse corpo. Porém, segundo Butler (2013), por mais que haja essa regularidade dos corpos, essa não é nunca completa.

Ao refletir sobre a problematização dos corpos cis e trans, por exemplo: por que é dito que uma mulher trans quando aplica silicone está deformando seu corpo,

---

<sup>4</sup> Adotamos essa forma de escrita para fazer um jogo de palavras com as questões de gênero. Cisgênero é a pessoa que se auto identifica com seu gênero imposto ao nascimento por condição da genitália. É uma palavra antônima de/para transgênero/transsexual.

sendo que esse mesmo discurso não é voltado à mesma prática feita pela mulher cis? (LAU, 2018). Os discursos, assim como o gênero, são performativos e produzem efeitos que são construídos histórica e socialmente (AUSTIN, 1962; BUTLER, 2013; DERRIDA, 1990).

Butler (2013) também problematiza a concepção de feminino e masculino numa questão identitária de gênero. Ao trazer a *drag queen* como exemplo, assegura que essa é uma noção que foi naturalizada ao mostrar um corpo biologicamente masculino com adereços femininos. Assim rompe a norma, sobretudo porque a *drag queen* se apropria de adereços considerados femininos e exagera, mostrando que, a partir do exagero, é possível notar/questionar a construção social do que é considerado feminino e masculino.

Diante desses novos pontos de partida para repensar língua e heteronormatividade, nota-se o uso recorrente de diferentes formas linguísticas que fogem à norma em questão de gêneros binários. Uma dessas formas é aqui definida como Linguagem não binária (LNB).

A LNB surgiu com a finalidade de “trazer uma reflexão acerca do binarismo presente na LP [língua portuguesa] e a dificuldade de pessoas que não se identificam com o binário de gênero (homem x mulher) nas formas escrita e falada” (LAU, 2018, p. 12). Ao lado da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a língua portuguesa não possui marcação “neutra”/não binária para gênero, apenas a separação entre masculino e feminino em classes gramaticais variáveis. Quando nos referimos a sujeitos, não é diferente, pois a dicotomia masculino x feminino permanece, categorizando os indivíduos. Por essa razão, a LNB, a fim de dar espaço de fala para aqueles que não se identificam com os gêneros impostos pela heteronormatividade da língua portuguesa, cria um lugar de fala neutro em questão de gênero para essas falantes.

Já em língua inglesa, apesar de não haver marcação específica de um gênero binário em grande parte das classes gramaticais, destaca-se a presença de LNB (SALTZBURG; DAVIS, 2010) a partir do uso de um novo pronome de tratamento: o *Mx.* (OXFORD online), que é a forma neutra de gênero, diferente de *Mr.* (senhor) e *Mrs.* (senhora), ainda sem uma tradução oficial para a língua portuguesa. Da mesma maneira, a partir do estudo de feministas americanas que consideram o genérico *he* uma forma sexista de se referir aos sujeitos (BENSON et al., 2013; LESAVOY, 2016;



SILVERSTEIN, 1985), o pronome *they* foi dicionarizado como a forma singular do pronome neutro em questão de gênero, uma fuga às formas binárias legitimadas na língua.

Em língua portuguesa, há sinais de manifestações em direção à consideração de gênero neutro na língua. Moita Lopes (2013), por exemplo, utiliza o sinal arroba (@) como um gesto político para marcar uma possível “equidade de gênero” em classes gramaticais; um sinal que não representa apenas masculino ou feminino, mas indica um termo válido para esses dois gêneros. Entretanto, apesar da validade e uso constante do sinal, sua pronúncia é inviável em língua portuguesa.

Apesar do sinal gráfico proposto, dentro das práticas linguísticas e sociais de falantes que se identificam como não-binários, nota-se o crescente uso de uma marcação de gênero que foge à norma culta em diversas classes gramaticais, como a vogal temática “e” de adjetivos e substantivos - “alune”, “bonite”, “amigue” - empregada na maioria dos termos; e pronomes possessivos que se tornam: “minhe(s)”, “sue(s)”; também palavras no plural consideradas masculinas, como “professores”, que podem ser escritas/lidas/faladas como “professories” e/ou “professoris”; e como o pronome “elu” para não designar especificamente homem ou mulher.

[...] por um ato político, para mostrar que o pronome considerado “neutro” em nossa sociedade exclui as pessoas não binárias, já que elus não se veem como homens nem como mulheres, portanto, não faz sentido para estus a utilização do “neutro ‘eles’”, assim como o feminismo trata esta questão (LAU, 2018, p. 13).

Considerar esses usos e olhar criticamente para a língua portuguesa, de acordo com as manifestações de seus falantes, é desenvolver certa sensibilidade a fim de validar práticas sociais e discursivas de sujeitos que não se encaixam no binarismo estabelecido como padrão de língua e de gênero. Por essa razão, foram ouvidos, nesta pesquisa, oito participantes de gêneros não-binários que não se sentem representados pela heteronormatividade da língua, a fim de melhor compreender como suas ideologias estão em constante negociação com ideologias linguísticas e sociais dos grupos pelos quais transitam, bem como de seus interlocutores.

## **A construção e o caminho percorrido**

A pesquisa aqui apresentada é de caráter qualitativo partindo da premissa que um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e a partir de análise por uma perspectiva integrada, como sustenta Godoy (1995, p. 21). Também se caracteriza como uma pesquisa exploratória considerando que, segundo Gil (1999, p. 45), essas são pesquisas que objetivam desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, podendo apresentar hipóteses ou problemas mais específicos para pesquisas posteriores.

O estudo foi composto por um grupo focal a partir da utilização de um aplicativo de conversa por meio do qual as oito pessoas participantes da pesquisa, de diferentes identidades de gênero e sexuais dentro do espectro não-binário, responderam às perguntas semiestruturadas.

A análise dos dados, tendo como base as características qualitativa e exploratória da pesquisa, volta o olhar para como as formas linguísticas são constantemente redefinidas pelas crenças destes falantes, bem como pelas ideologias de sujeitos interlocutores, a partir dos cinco níveis de organização das ideologias proposto por Kroskrity (2004).

## **Conversa e ideologias: como ocorrem as negociações linguísticas**

Com base nas falas dos participantes desta pesquisa, analisaremos as Ideologias Linguísticas dos sujeitos a partir dos níveis de organização de ideologias propostos por Kroskrity (2004). A análise ocorrerá de acordo com as categorias propostas pelo autor: *1. Interesses individuais; 2. Multiplicidade de ideologias; 3. Consciência des falantes; 4. Mediação entre estruturas sociais e formas de fala; e 5. O papel de Ideologias Linguísticas na construção identitária.* Usos linguísticos e negociações em que les falantes se inserem estarão relacionadas às suas Ideologias Linguísticas que assumimos como foco na pesquisa. Para fins éticos, os nomes das pessoas entrevistadas serão omitidos.

Durante a conversa com les participantes, percebeu-se como seus usos linguísticos são marcados por sua concepção do que é “correto” em questão de língua, o que vai ao encontro do primeiro nível de compreensão de língua indicado pro Kroskrity (2004) - *Interesses individuais*:

As noções de uma membro sobre o que é “verdadeiro”, “moralmente bom” ou “esteticamente agradável” sobre língua(gem) e discurso são baseadas em experiências sociais, muitas vezes demonstravelmente ligadas a interesses político-econômicos. Essas noções geralmente são a base das tentativas de usar a língua(gem) para promover, proteger e legitimar esses interesses (KROSKRITY, 2004, p. 501).

Les participantes entrevistades revelaram a intenção de emprego da LNB para valorização e representatividade desses sujeitos na/para/com a sociedade em termos escritos e falados:

Eu acho o seguinte, a linguagem neutra é uma linguagem necessária por questão de respeito e conforto pras pessoas não binárias, mas eu acho que a gente, o que a gente tem hoje são alguns termos neutros na língua portuguesa, mas a gente tem um problema sério que não têm pronomes neutros na língua portuguesa, né? Então, a questão é nossa norma ortográfica, ela não contempla as pessoas não binárias. Então, a alteração que teria que ter a médio prazo seria uma alteração da própria norma portuguesa, né? A norma vigente que teria que abranger, ela teria que ser muito mais inclusiva, hoje ela é muito binarista. Só que na prática, mesmo a gente tendo hoje alguns termos neutros, né, como: gente, pessoal, galera, e vários outros termos que vão surgindo, as pessoas, em geral, elas têm uma dificuldade de usar os termos neutros, sabe? As pessoas que eu falo, as pessoas cis, sabe? (F)

A relevância da LNB (nos termos delu: “linguagem neutra”) é apontada no desejo do falante de incorporá-la a uma norma vigente, revelando o que é considerado “verdadeiro” para le participante em sua busca por respeito às pessoas não binárias ao apontar alguns impedimentos do *cistema* linguístico.

Mais adiante, ao serem perguntades sobre suas identidades de gênero e sexual, houve inquietações no grupo sobre assumir-se não-binária para a família:

M: Sou pessoa não binária, gênero fluído, de Curitiba, nerd e meus pronomes variam, mas de modo geral prefiro os neutros ou uma linguagem mais neutra se não for possível.

N: Eu sou não-binária e mais especificamente pangênero e meus pronomes são neutros. Eu ainda não contei para minha família, ainda estou criando coragem.

A: Como foi pra vocês falarem pra família que são não-binários? Eu falei pra minha mãe e ela não entendeu nada e surtou.

M: Comigo eu falei com meu pai, ele entendeu bem e nossa, foi muito legal, ele até falou que “agora eu entendo o seu jeito”... A minha mãe eu ainda não falei.

[...]

F: Sou gênero fluído, pronomes masculinos na maior parte do tempo. Mas se estiver num grupo que adota a linguagem neutra me sinto bem ao utilizá-la. Na verdade para mim o mundo perfeito seria o menos possível dividido em gênero, porque isso me dá muitas crises e tal. Na questão da sexualidade eu me considero pan.

[...]

D: Que seria demiboy? Eu acho que eu seria assim também.

F: É tipo um garoto. Mas não que a pessoa seja criança ou imatura, é só em relação ao gênero é tipo uma masculinidade mais suave. Se alguém entende diferente, por favor, me corrija.

D: Saquei. Eu acho que eu seria assim também, como você. Tipo eu não tenho vontade de ter barba e gosto de ter meu rosto mais delicado, mas queria muito tirar meus seios porque me incomodam muito e incomoda as pessoas olharem pra eles e acharem que eu sou mulher só por causa deles. Ai gente, confesso que essas nomenclaturas me deixam confuso. Não sei muito bem como me encaixo.

É inferido, a partir das falas dos participantes, que Ideologias Linguísticas são múltiplas devido às próprias identificações de gênero, como aponta Kroskrity (2004) em seu segundo nível de compreensão - *Multiplicidade de ideologias*. Percebe-se que todes, com exceção de F, se assumem como não-binários no início; mas como esse é um conceito que abrange outras identificações, um termo guarda-chuva, les participantes também se associam com identidades mais específicas dentro da categoria, como “gênero fluído”, “pangênero”, entre outros. Apesar disso, A. revela identificar-se apenas como não-binária, o que indica as múltiplas identidades associadas à ideologia de identidade de gênero apresentada.

Além das identidades de gênero dos participantes, as ideologias são múltiplas pela multiplicidade de grupos sociais nos quais se engajam. Dentro do círculo familiar, como citado, identificar-se como sujeito não-binário representa um desafio para alguns que preferem adotar usos linguísticos de acordo com a ideologia dominante do grupo, mesmo que seja de ordem heteronormativa, para garantir a harmonia entre os membros. “Outra tendência nesta ênfase na multiplicidade é focar na contestação, confrontos ou disjunções em que as perspectivas ideológicas divergentes sobre língua(gem) e discurso

são justapostas, resultando em uma ampla variedade de resultados” (KROSKRITY, 2004, p. 504).

O trânsito desses falantes por ideologias de língua dentro dos grupos pelos quais transitam revela uma noção ampla de consciência da posição dos sujeitos nas interações, o que nos remete ao terceiro nível indicado por Kroskrity (2004) - *Consciência dos falantes*. Esse conceito diz respeito à noção de consciência das relações de poder, do ato de posicionar-se e posicionar o Outro sujeito durante a fala. A fim de garantir certo posicionamento, nossos participantes se mostraram dispostos a assumir diferentes papéis nas negociações, ainda que destoantes de suas ideologias de língua.

Tipo, eu tenho a questão do trabalho, que ninguém sabe de mim e tal e todo mundo me chama no masculino. Sou pansexual, gray-ace e aceito quaisquer pronomes e, embora no dia a dia o que mais escute são os relacionados a “ele”, eu particularmente prefiro tentar usar uma linguagem mais neutra (tipo “sou uma pessoa que...”) ou, se possível, com pessoas que são mais abertas à linguagem neutra não padrão (elu, por exemplo) aí eu prefiro usar essa (embora seja basicamente na internet, em grupos etc., pessoalmente nunca consegui usar) e em segundo lugar, “ela”... Ouvir “ele” me traz muito a ideia de as pessoas me lerem como homem, coisa que eu não sou... (M)

A partir do trânsito por diversos lugares, inclusive institucionais onde há a obrigatoriedade de definição de um gênero binário, percebe-se que os falantes encontram maneiras de adaptar-se e ainda assim assumir-se identitariamente. Como foi revelado por C. que encontrou uma alternativa para assumir-se como alheio à binaridade durante uma avaliação nacional:

Como ainda sou um adolescente (15), o único teste em que é obrigatório a escolha de sexo/gênero que já tive a oportunidade de realizar foi a OBMEP [Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas], e dentre as suas opções havia a opção de ‘Outro’, por mais que não seja uma gigantesca consideração, pelo menos existe o reconhecimento de gêneros além dos binários e já me senti mais confortável por isso. (C)

A quarta dimensão de Kroskrity (2004) – *Mediação entre estruturas sociais e formas de fala* – se refere a como usos linguísticos podem ser indexados a grupos sociais específicos, como aponta o autor: “Esses usuáries, ao constituírem ideologias linguísticas, exibem a influência de sua consciência em sua seleção de características de

sistemas linguísticos e sociais que elus distinguem e nas ligações entre sistemas que elus constroem” (KROSKRUTY, 2004, p. 507).

Essa indexação é por um lado encarada como característica positiva por representar traços identitários dos falantes; por outro, pode funcionar como uma forma de restringir tais práticas linguísticas unicamente aos grupos, incômodo revelado pelos participantes:

A: Ela (mãe) usa a linguagem não binária com você? A minha mãe ficou muito perdida nisso. Disse que não vai nem tentar usar.

M: Pior que ainda não... Eu nem tento, mas ele (pai) não conseguiu ainda... Mas não me incomoda tanto porque não moro mais com eles. Tipo, o meu pai eu não exigi ainda a parte dos pronomes... Aí não sei como seria.

A: Ah sim. Eu moro com minha mãe daí acabo dependendo muito dela.

M: Sinto muito.

[...]

D: Eu me sinto muito. As vezes penso que seria bem mais fácil me assumir como homem trans, mas não é que eu sou.

F: Sim, sinto muito essa pressão.

Apesar da associação da LNB às pessoas que não se identificam com gênero masculino ou feminino, é válido lembrar que as experiências sociais desses indivíduos não se restringem às comunidades de fala não binária. De acordo com o exposto pelos participantes, a associação desses usos linguísticos à identidade não binária perpassa por assumir que essa é a forma desses sujeitos se expressarem e a maneira como preferem que outros falantes se expressem ao fazer-lhes referência.

Por fim, quinta perspectiva para olhar ideologias proposta por Kroskrity (2004) - *O papel de Ideologias Linguísticas na construção identitária* - é evidenciada no seguinte excerto:

A: Pra mim é o único jeito que eu me sinto confortável das pessoas me chamarem. Já tentei usar o pronome masculino, mas não sinto que sou eu. E o feminino, que é como normalmente me chamam por causa do meu sexo biológico, chega até me ofender.

E: Vou presumir então que o que você quer não são os rótulos, e sim os significados deles. Eu sinto masculinidade e feminilidade no meu gênero, mas não sinto que estas qualidades do meu gênero partem de gêneros binários. Não me sinto confortável com partes do meu gênero sendo rotuladas homem ou mulher.

Os usos linguísticos desses falantes revelam fatores atados a outras ideologias que constituem suas identidades sociais e culturais. As formas de discurso desses sujeitos não compreendem apenas preferências em questões linguísticas ou uma forma de identificação com grupos sociais, mas são as expressões das próprias identidades dessas pessoas que se constituem na/pela língua. Sua função não é apenas identificar grupos, mas atuar como forma de resistência desses grupos sociais diante da ideologia dominante heteronormativa que rege usos de língua portuguesa.

## **Considerações finais**

A partir das considerações sobre como formas linguísticas são constantemente redefinidas pelas crenças dos falantes, bem como por ideologias dos sujeitos interlocutores e espaços pelos quais transitam, somos provocados a olhar mais criticamente para língua e perceber outros sujeitos com seus usos linguísticos que diferem da norma culta padrão não apenas por questão de gênero, mas de raça, nacionalidade, classe, religião, entre outros.

Trazer discussões acerca da LNB (LAU, 2018) e o pronome neutro é uma forma de voltar a atenção para sujeitos que não se sentem representados pelas formas linguísticas legitimadas em língua portuguesa e (re)constroem em suas práticas linguísticas alternativas para se identificar na/com sua língua. Longe de ser uma maneira de essencializar grupos ou forçadamente indexar formas de fala, consideramos que a língua se movimenta e se reconfigura tanto quanto os sujeitos o fazem por meio dela.

As identidades humanas estão em constante ressignificação por conta do trânsito e das mais diversas negociações nas quais se inserem os sujeitos, fatores que reconfiguram também sua autopercepção como falante. Dessa forma, Ideologias Linguísticas, atadas a outras ideologias sócio-historicamente construídas, revelam muito mais que preferências em relação ao que o falante diz e/ou como prefere ser tratado.

Usos linguísticos tornam-se atos políticos no jogo de poder entre ideologias - atos políticos linguísticos e sociais. As formas de discurso são expressões das próprias identidades dessas pessoas que atuam como forma de resistência dessas comunidades de

fala diante da ideologia dominante normativa que rege usos de língua portuguesa, que acaba por gerar certo estigma linguístico e, pensando holisticamente, o estigma social daqueles que fogem às formas privilegiadas de grupo/língua na sociedade.

## Referências

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. 2. ed. Oxford: University Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENSON, Erica J. et al. Developing a nonsexist/nongendered language policy at the University of Wisconsin-Eau Claire. In: **Feminist Teacher**, v. 23, n. 3, p. 230-247, 2013.

BLOCK, David. **Second language identities**. London: Continuum, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 25 de abril de 2002.

DERRIDA, Jacques. **Limited Inc**. Paris: Galilée, 1990.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. São Paulo: RAE artigos, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

IRVINE, Judith T.; GAL, Susan. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, Paul V. (Org.). **Regimes of language: Ideologies, politics and identities**. Santa Fe: School of American Research Press, p. 34-84, 2000.

KROSKRITY, Paul V. Language Ideologies. In: DURANTI, Alessandro (Org.) **A Companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Blackwell, 2004.



LAU, Héilton Diego. **Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

LESAVOY, Barbara. Teaching gender fluidity written across time and text. In: **Feminist Teacher**, v. 26, n. 2-3, p. 142-155, 2016.

MCKINNEY, Carolyn. **Language and power in post-colonial schooling**: ideologies in practice. New York, NY: Routledge, 2017.

MOITA LOPES. Luiz Paulo da. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, L. P. **Português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013, p. 18-31.

OXFORD. **English Oxford Living Dictionaries**. Disponível em: <<https://goo.gl/J8Bwxn>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. In: **Textos & Contextos**, v. 10, n. 1, p. 193-198, jan./jul. 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão da ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SALTZBURG, Susan; DAVIS, Tamara S. Co-authoring gender queer youth identities: discursive telling and retellings. **Journal of ethnic and cultural diversity in social work**, London, v. 19, n. 2, p. 87-108, 2010.

SILVERSTEIN, Michael. Language and the culture of gender: at the intersection of structure, usage and ideology. In: PARMENTIER, Richard J.; MERTZ, Elizabeth (Orgs.). **Semiotic Mediation**: sociocultural and psychological perspectives. New York: Academic Press, p. 219-259.

SPOLSKY, Bernard. **Language policy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

WOOLARD, Kathryn. A. **Language ideology as a field of inquiry**. New York: Oxford University Press, 1998.